

O resgate de Lavoura arcaica

Português

Enviado por:

Postado em: 11/06/2013

Fabio Silvestre Cardoso Clássico da literatura contemporânea, *Lavoura arcaica* foi lançado em 1975 sem grande alarde. A ressurreição do livro viria mais de uma década depois, na terceira reedição, em 1989 Raduan Nassar escreveu, na década de 1970, o livro *Lavoura arcaica*. Desde então, a obra permanece no imaginário da crítica como um dos principais romances da literatura brasileira, presente na maioria das antologias do gênero quando se trata de destacar a qualidade estética ou mesmo a ideia de vanguarda que muitas vezes está intrinsecamente ligada à obra de arte. Tamanha reputação, no entanto, não foi garantia para que o livro do escritor nascido em Pindorama, interior de São Paulo, tivesse êxito editorial na década subsequente à sua publicação. Na verdade, a história tem requintes de ficção. Tudo isso porque, nos anos 1980, década posterior ao lançamento de *Lavoura arcaica*, a obra caiu numa espécie de limbo editorial, permanecendo na garagem de Raduan Nassar por muitos anos. Quem conta parte dessa história quase fantástica é o escritor Milton Hatoum. “Certa vez, Raduan me contou que tinha dezenas de exemplares do *Lavoura arcaica* na casa dele. Um dia ele ficou de saco cheio de deu todos esses livros”, lembra o autor de *Dois irmãos*. Se é verdade que para muitos autores o encalhe é parte integrante das contingências do mercado editorial, também seria correto assinalar que, em casos como o de talentos reconhecidos como Raduan Nassar, esse processo fosse um pouco diferente. Não foi o caso. Nas palavras da crítica literária da Universidade de São Paulo, Leyla Perrone-Moisés, autora de um dos primeiros textos analíticos sobre o romance, o fato de a obra ter permanecido na garagem do autor, embora tivesse sido um sucesso de crítica nos anos 1970, não chega a ser novidade ou mesmo inexplicável. “Acho que é natural o fato de um livro ser provisoriamente esquecido, afinal as editoras vivem de novidades”, diz Perrone-Moisés. De qualquer modo, a autora de *Altas literaturas* observa que o livro não foi abandonado pelos críticos. “Havia debates sobre o livro e ele já estava, de certa forma, canonizado. Não demorou muito para ele ser notado pelos leitores franceses, especialmente Alice Raillard, que o traduziu para a editora Gallimard nos anos 1980.” De sua parte, Raduan Nassar pareceu sempre alheio e desconfiado em relação à análise dos críticos. Ao *Cadernos de Literatura Brasileira*, em uma de suas raras e mais contundentes entrevistas já concedidas (o autor é notoriamente conhecido pela sua reserva no trato com a imprensa quando se trata de discussão de temas literários), ele observa, fazendo coro à afirmação do crítico português Eduardo Lourenço, para quem “não é o crítico que julga a obra, mas a obra é que julga o crítico”. Boutade ou não, a avaliação de Nassar parece travar um bom diálogo com a primeira análise de Leyla Perrone-Moisés sobre o livro do escritor paulista. “Publiquei meu primeiro artigo sobre *Lavoura arcaica* na revista portuguesa *Colóquio Letras*, em julho de 1977. E eu começava aquele artigo dizendo que o romance de Raduan Nassar havia logo obtido um êxito de estima entre os intelectuais, mas que ainda era pouco comentado pelos críticos”, recorda a professora emérita da Universidade de São Paulo (USP). Já para Milton Hatoum, o fato de o livro ter sumido do mapa pode estar vinculado à maneira como a obra foi trabalhada do ponto de vista editorial. “Cada livro faz a sua história. Esse texto difícil, com uma força poética extraordinária, foi publicado durante a ditadura. Acho que o público estava mais atento a questões explicitamente políticas, à literatura da violência, a um tipo de

jornalismo adaptado, que pretende ser ficção. Além disso, talvez não tenha sido bem trabalhado editorialmente”, observa o autor de Cinzas do norte. Redescoberta A retomada do livro acontece em 1989. Tudo isso porque, embora o livro já tivesse alcançado duas edições — a primeira em 1975, pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro; a segunda em 1982, pela Nova Fronteira, também do Rio de Janeiro —, foi com a terceira vinda, desta vez pela Companhia das Letras, que a obra retomou seu sucesso de estima e conquistou espaço definitivo no panteão das grandes narrativas da literatura brasileira do século XX. Em sua coluna no blog da Companhia das Letras, o editor Luiz Schwarcz revelou uma conversa que teve com Raduan Nassar. Nela, afirmou ao escritor que em três décadas dedicadas à literatura, não editou livros melhores do que os do autor de Lavoura arcaica. Já o romancista, por sua vez, afirmou que jamais iria esquecer de quando o editor apostou nele, Raduan, no momento em que estava esquecido. “A reedição do livro pela Companhia das Letras foi a confirmação da fama que o livro já tinha entre os especialistas”, comenta Leyla Perrone-Moisés. E ela acrescenta, ainda, que o fato de o autor ter abandonado a literatura, depois de dois livros excepcionais, contribuiu para houvesse ainda mais interesse do público. Estabeleceu-se um paradoxo curioso, observa a crítica, quanto mais Raduan insistia em se esconder, mais ele aparecia. O abandono de Raduan Nassar para com a literatura é desses eventos que podem ser classificados como mais inventivos do que a própria ficção. Tudo isso porque, depois de ter publicado Lavoura arcaica e Um copo de cólera, Raduan concedeu algumas poucas entrevistas e afirmou, acima de tudo, que a literatura já não tinha para ele a menor importância. Os únicos momentos em que o autor quebrou o silêncio, da década de 1990 para cá, aconteceu na consistente e reveladora entrevista concedida ao Cadernos de Literatura Brasileira, editado pelo Instituto Moreira Salles, em 1996; e num longo perfil assinado pelo jornalista Rafael Cariello publicado em 2012 pela revista Piauí. A tônica desses depoimentos, no entanto, sempre é a mesma, a saber: a tentativa de escapar da conversa sobre literatura, como se esse fosse um assunto para ele demasiado aborrecido. Isso não quer dizer que o autor não tenha ideia consolidada sobre o significado de seu fazer literário; antes, representa uma manifestação, à maneira do personagem de Herman Melville (Bartleby, o escrivão), de preferir não tratar desse tema, deixando os leitores à espera de uma resposta para a pergunta: mas afinal, por que ele deixou de escrever? Importância do estilo Enquanto essa resposta não vem, nos momentos em que abriu a guarda para falar de literatura, é possível identificar elementos que mostrem de que maneira o estilo desse autor se confunde com o próprio ideal que ele possui de literatura. Assim, na já citada entrevista ao Cadernos de Literatura Brasileira, o escritor afirma acreditar que a boa prosa sempre tenha sido poética e, mais adiante, complementa, dizendo que a literatura que lhe faz a cabeça é exatamente aquela que possui algum tipo de vibração. Com efeito, é uma espécie de vaticínio para o leitor de primeira viagem do livro. Como sinaliza Milton Hatoum: “Lavoura arcaica aborda um drama familiar, mas também aponta para outras questões, pois a linguagem e os temas estão em sintonia nesse belo romance, que remonta a certas passagens bíblicas e corânicas. E um tema-tabu, o incesto, trabalhado com muito talento”. Além de destacar os aspectos temáticos da obra, com suas ressonâncias bíblicas e islâmicas, Leyla Perrone-Moisés também salienta o estilo de Raduan Nassar: “Acho, pois, que o romance me espantou mais por seu estilo do que pela narrativa. Mas já estava clara, para mim, a importância da obra”, recorda. Ao comentar o processo de composição do livro, Raduan Nassar, novamente em depoimento ao Cadernos da Literatura Brasileira, observa que a obra demandou oito meses para a sua elaboração. De acordo com as palavras do autor: “(...) tentava um romance numa linha bem objetiva. Só que em certo capítulo um dos personagens começou a falar em primeira pessoa, numa linguagem atropelada, meio delirante, e onde a família se insinuava como tema. Tudo isso implodia o meu esqueminha de romance objetivo”. A solução, para esse impasse, se deu de forma aparentemente simples: “transformei um velho, que ouvia aquela fala delirante, em irmão mais velho do personagem que falava, e foi aí que começou a surgir o Lavoura arcaica. Em 2001, essa narrativa a um só tempo singular e inovadora foi levada ao

cinema, em um trabalho de adaptação assinado pelo cineasta Luiz Fernando Carvalho. Na avaliação de Milton Hatoum, a produção colaborou para sublinhar a importância do romance. “A belíssima adaptação do Luiz Fernando Carvalho foi bastante premiada e isso certamente ajudou a divulgar a obra”. Esta notícia foi publicada dia 11/06/13 no site <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/>. Todas as informações contidas nela são de responsabilidade do autor.